Acervo ISA

LUX JORNAL
O Liberal — Belém - PA
Pág. 9
Publicado: 7 / 11 / 00

1910 | 1/37

Catapora mata outro araweté e já ameaça mais 12 aldeias

CARLOS MENDES
Da editoria de Atualidades

A epidemia de catapora que já matou cinco dos 264 índios da tribo Araweté da aldeia Ipixuna, em Altamira, no sudoeste paraense, começou a ser investigada pelo Ministério Público Federal. O procurador da República e dos Direitos do Cidadão no Pará, Felício Pontes Júnior, desembarcou ontem pela manhã em Altamira e começou a tomar uma série de providências para apurar a responsabilidade pelo surto da doença entre os índios.

O coordenador do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) de Altamira, Tarcício Feitosa, acusa a Fundação Nacional de Saúde de omissão na prestação dos primeiros socorros aos arawetés, o que teria evitado a disseminação da doença na tribo. O perigo é a epidemia alastrar-se pelas outras 12 aldeias existentes em Altamira, onde vivem índios kayapó, parakanã e xipaia, entre outros.

A omissão da Funasa parece acasalar-se com a desinformação da coordenação do órgão em Belém sobre a gravidade da doença na aldeia Ipixuna. Somente ontem pela manhã a direção da Funasa ficou sabendo oficialmente das cinco mortes e do surto de catapora. "É possível a contaminação, mas estamos enviando uma equipe para a aldeia para aplicar gamaglobulina naqueles que ainda não apresentaram os sintomas da doença até que possam ser vacinados", informou o coordenador da Funasa, Manoel Barros.

5ª vítima - No domingo, no Hospital Municipal de Altamira, morreu a quinta vítima, uma mulher de 59 anos. Ela não resistiu à varicela hemorrágica, a fase mais perigosa da catapora, apesar do esforço dos médicos em salvá-la. Outras quatro pessoas também morreram nos últimos 15 dias, inclusive uma criança recém-nascida. As quatro mortes aconteceram na própria aldeia Ipixuna.

Os índios acusam a Fundação Nacional de Saúde (Funasa) pela demora no atendimento, o que teria provocado as quatro mortes na aldeia. "Precisamos saber o que aconteceu para que o surto de catapora se espalhasse rapidamente pela aldeia", explicou Felício Júnior.

Em ofício enviado ontem à chefe do Distrito Sanitário Especial Indígena de Altamira, Maria Thereza Fialho, o procurador comunica haver chegado naquele município para "verificar eventual responsabilidade na omissão de prestação à saúde indígena".

Indignação - No hospital, ao fazer sua primeira visita aos índios, os procuradores da República Felício Pontes Júnior e Deborah Duprat de Brito Pereira ficaram indignados com o tratamento dispensado aos arawetés. "Pudemos constatar que a quase totalidade de leitos daquele hospital está ocupada pelos índios, alguns em estado de extrema gravidade, sem que, até o momento, se tenham apresentado profissionais habilitados para o diagnóstico dos problemas que colocam sob grave risco toda aquela comunidade", afirmam Felício e Deborah no ofício enviado à Maria Thereza Fialho, a quem deram um prazo de 24 horas, que se encerra hoje, para apresentar sete informações por eles solicitadas.

"A partir de que data foi constatado o primeiro caso da suposta catapora; qual o profissional que realizou o diagnóstico; quantos médicos e outros profissionais de saúde estão na área indígena?", questionam os procuradores. Eles também querem saber quais as providências já adotadas para conter o suposto surto epidêmico, quantos índios morreram em decorrência dessa doença diagnosticada como catapora e se há um infectologista na área indígena.

Dúvidas - O número de indígenas da tribo Araweté que se encontram na Casa do Índio, em Altamira, também faz parte do questionário dos procuradores, assim como eles perguntam quais as possibilidades de contaminação de outros grupos indígenas em função do contato com os arawetés, especialmente na Casa do Índio.

Por fim, indagam quais as providências que estão sendo adotadas para evitar a disseminação da doença para outras áreas indígenas.

ARY SOUZA / 25/10/2000

Outras aldeias da nação Kayapó também estão ameaçadas pela catapora, perto de Altamira